

Três espécies novas do gênero *Chorisonera* (Blattellidae, Chorisoneriinae) coletadas em ninhos de Sphecidae (Hymenoptera) do Estado do Acre, Brasil

Sonia Maria Lopes & Edivar Heeren de Oliveira

Depto de Entomologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040 Rio de Janeiro, RJ, Brasil. (sonialf@acd.ufrj.br)

ABSTRACT. Three new species of the genus *Chorisonera* (Blattellidae, Chorisoneriinae) collected in Sphecidae nests (Hymenoptera) from Acre State, Brazil. Three new species of *Chorisonera* Brunner, 1865 from Acre State, Brazil collected in nests of *Podium* Fabricius, 1804 (Hymenoptera, Sphecidae) are described. Illustrations of genitalia are presented.

KEYWORDS. New species, *Chorisonera*, Blattaria, taxonomy, Neotropical.

INTRODUÇÃO

O gênero *Chorisonera* Brunner, 1865 encontra-se restrito à Região Neotropical, num total de 70 espécies já descritas, tendo sido coletadas no Brasil em todas as regiões geográficas (ROTH, 1998).

BRUNNER (1865) descreveu o gênero *Chorisonera* com base na forma das asas, da placa subgenital e estilos, assinalando o gênero exclusivamente na América meridional, e designando como espécie-tipo *Blatta nigrifrons* Serville, 1839, do Brasil.

ROTH (1998) concordou com Brunner e limitou a distribuição geográfica do gênero às Américas do Sul, Central e Estados Unidos, posicionando-o na subfamília Pseudophyllodromiinae e revalidando o gênero *Sorineuchora* Caudell, 1927 que até então era considerado sinônimo de *Chorisonera*.

As vespas da família Sphecidae caracterizam-se por serem solitárias e predadoras e os adultos são comumente encontrados nas flores; fazem seus ninhos em areia, solo seco, troncos secos ou apodrecidos, lama, solo sombrio, ninho de outras vespas ou colunas nas casas. Os representantes da subfamília Sphecinae são muito comuns, e as espécies do gênero *Podium*, de tamanho relativamente grande, abastecem seus ninhos com baratas (ROHART & MENKE, 1976).

Objetiva-se descrever três espécies novas do Estado do Acre, local até então inédito na literatura do gênero, coletadas em ninhos de vespas do gênero *Podium* Fabricius, 1804 (Hymenoptera, Sphecidae).

MATERIAL E MÉTODOS

Os exemplares foram coletados na Fazenda Experimental Catuaba, no Acre, um Centro Experimental da Universidade Federal do Acre, situado a 30 km da BR-364 em uma área de 800ha que apresenta diversidade de formas de uso da terra, incluindo antigos seringais, áreas de pastagem degradadas, florestas secundárias em diversos estágios de sucessão e florestas pouco alteradas. Nas áreas diretamente adjacentes ao longo das

rochosas, predomina a pecuária extensiva, com grandes extensões de pastagens não produtivas e abandonadas.

Os espécimes foram obtidos em ninhos de vespas da família Sphecidae e enviados ao Setor de Blattaria no Museu Nacional, Rio de Janeiro, com informações sobre o número do ninho onde foi coletado o material e a quantidade de exemplares em cada ninho. Dos exemplares que nos foram enviados separadamente em vidros contendo álcool 70%, alguns estavam em bom estado e outros bastante danificados, seja pela ação de fungos nos ninhos, ou mesmo por já se encontrarem danificados pelas vespas.

As genitálias dos espécimens foram preparadas e examinadas em lâminas imersas em glicerina seguindo a metodologia utilizada por LOPES & OLIVEIRA (2000). A terminologia adotada para genitália foi baseada em MCKITTRICK (1964). Todo o material encontra-se depositado na coleção do Departamento de Entomologia do Museu Nacional (MNRJ).

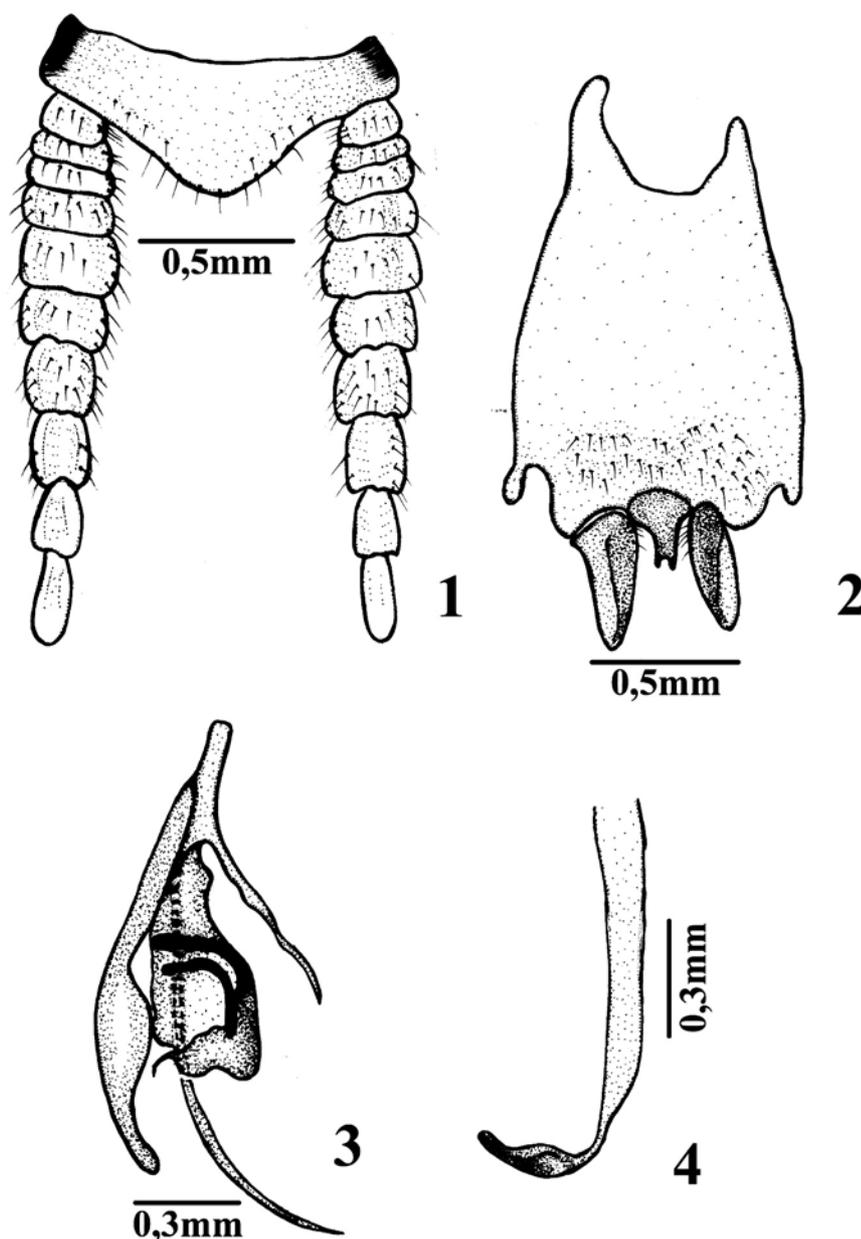
Chorisonera catuabana sp. nov.

(Figs. 1-4)

♂. Coloração geral castanho-clara brilhante. Olhos negros. Tronco inicial de todas as nervuras das tégminas e base dorsal do arólio castanho mais escuro. Pulvilos esbranquiçados.

Cabeça triangular, olhos pequenos posicionados látero-anteriormente. Vértice exposto; espaço interocular amplo, igual à área que separa a base das inserções antenais. Antenas longas, filiformes e ciliadas; palpos maxilares ciliados, sendo o terceiro artículo maior que o quarto e o quinto dilatado na base, subigual em tamanho ao comprimento do quarto artículo.

Tórax com pronoto oval transversal, curto e alargado; abas laterais amplas, de contorno lateral arredondado; disco central amplo e arredondado. Tégminas longas ultrapassando o ápice dos cercos, afiladas, estreitando-se para o ápice. Pernas longas e espinhosas; fêmur I com a face ântero-ventral apresentando três a cinco espinhos médios até próximo



Figs. 1-4. *Chorisonneura catuabana* sp. nov., ♂: 1, placa supra-anal, dorsal; 2, placa subgenital, ventral; 3, falômero esquerdo (L1), dorsal; 4, falômero direito (R2), dorsal.

à região mediana, seguidos de uma série de diminutos espinhos até o ápice, com um espinho apical grande e desenvolvido; face pósterio-ventral com espinhos médios espaçados; fêmur II com espinhos pequenos e espaçados na face ântero-ventral, terminando em um robusto apical; face pósterio-ventral com espinhos pouco maiores, espaçados e um apical desenvolvido; fêmur III com espinhos médios e espaçados terminando em um apical desenvolvido nas faces ântero e pósterio-ventral; pulvilos pouco desenvolvidos presentes em todos os artículos; arólios desenvolvidos; unhas assimétricas e simples.

Abdome com modificação tergal mediana no sétimo segmento, em forma circular e ciliada. Placa supra-anal pouco desenvolvida, ciliada, triangulóide sem reentrância mediana apical, com eixo transversal maior que o longitudinal, cercos longos e alargados (fig. 1). Placa

subgenital simétrica, alargada na base com projeções látero-apicais; estilos lamelares, longos e pouco afilados apicalmente, separados por pequena projeção esclerotizada da placa subgenital (fig. 2). Falômero direito (R2) em forma de gancho, apicalmente com esclerotização interna (fig. 4); falômero esquerdo (L1) diferenciado com estruturas esclerotizadas afiladas (fig. 3).

Medidas, em mm, ♂. Comprimento total, 9,0; comprimento do pronoto, 1,5; largura do pronoto, 2,5; comprimento da tégmina, 8,5; largura da tégmina, 2,0.

Material-tipo. Holótipo ♂, BRASIL, Acre: Senador Guiomard (Reserva Catuaba), 10°4'S 67°36'W, 17.VII.02, Elder F. Morato col. (ninho nº 1922/3) (MNRJ).

Etimologia. O nome da espécie é alusivo ao local onde foi coletado o exemplar.

Diagnose. *Chorisonaura catuabana* sp. nov. difere das demais espécies pela configuração da estrutura mediana alargada entre os estilos na placa subgenital, pela placa supra-anal entre os cercos - que é mais pronunciada - e demais estruturas da genitália masculina.

***Chorisonaura fulgurosa* sp. nov.**

(Figs. 5-12)

♂. Coloração geral castanho-clara brilhante e hialina. Olhos negros. Coloração castanho-escura: (1) no vértice, com listras longitudinais em duas das quatro faixas transversais paralelas entre si, dispostas apicalmente entre os olhos; (2) na margem látero-posterior e disco central do pronoto (fig. 5); (3) no campo anal e (4) no ápice das tégminas. Coloração esbranquiçada em duas áreas da fronte, nas extremidades dos olhos próximo ao vértice, junto à gena e em duas faixas da cabeça.

Cabeça triangular, olhos pequenos posicionados látero-anteriormente; vértice exposto; espaço interocular amplo, medindo cerca de dois terços do espaço que separa a base das inserções antenais. Antenas longas, filiformes e ciliadas; palpos maxilares ciliados, terceiro artigo mais longo que o quarto, quinto artigo dilatado na base e subigual ao tamanho do quarto.

Tórax com pronoto oval, transversalmente curto e alargado; abas laterais amplas, de contorno lateral arredondado; disco central pequeno. Tégminas longas ultrapassando o ápice dos cercos, afilados, estreitando-se para o ápice. Pernas longas e espinhosas; fêmur I apresentando cinco espinhos médios na face ântero-ventral, até próximo à região mediana, seguidos por uma série de pequenos espinhos até o ápice, onde há um apical grande e robusto; face pósterio-ventral com espinhos pequenos. Fêmures II e III com espinhos pequenos e espaçados na face ântero-ventral e um espinho apical desenvolvido; face pósterio-ventral com espinhos pequenos. Pulvilos pouco desenvolvidos e presentes em todos os artigos tarsais; arólios presentes; unhas simples e assimétricas.

Abdome com modificação tergal mediana no sétimo segmento, em forma circular e ciliada (fig. 6). Placa supra-anal pouco desenvolvida, ciliada, triangulóide com leve reentrância mediana apical, com eixo transversal maior que o longitudinal, cercos curtos e alargados (fig. 7). Placa subgenital simétrica, alargada no ápice; estilos lamelares, alargados, espatulados, arredondados apicalmente, com pequena projeção esclerotizada da placa subgenital entre eles (fig. 8). Falômero direito (R2) em forma de gancho, apicalmente com esclerotização interna (fig. 10); falômero esquerdo (L1) diferenciado, com estruturas esclerotizadas medianamente e uma das extremidades terminando em formas espinhosas (fig. 12); esclerito mediano (L2vm) longo, ápice do esclerito mediano (L2d) com uma das extremidades membranosa e outra muito afilada no ápice, marginada com espinhos diminutos (fig. 11). Esclerito do falômero direito alongado, com extremidade acuminada (fig. 9).

Medidas, em mm, ♂. Comprimento total, 11,5; comprimento do pronoto, 2,5; largura do pronoto, 3,5; comprimento da tégmina, 9,5; largura da tégmina, 3,0.

Material-tipo. Holótipo ♂, BRASIL, Acre: Senador

Guiomard (Reserva Catuaba), 10°4'S 67°36'W, 17.VII.02, Elder F. Morato col. (ninho n° 1922/3) (MNRJ).

Etimologia. O nome da espécie faz referência à coloração e brilho do pronoto.

Diagnose. Espécie similar a *Chorisonaura fulva* Rocha e Silva & Aguiar, 1977 e *C. bella* Rocha e Silva & Aguiar, 1977, diferindo destas e das demais espécies do gênero por detalhes de coloração na cabeça e no pronoto, pela configuração da estrutura mediana entre os estilos, pela placa supra-anal com pequena reentrância mediana entre os cercos e pelo esclerito mediano (L2vm) e falômero esquerdo (L1).

***Chorisonaura mimosa* sp. nov.**

(Figs. 13-18)

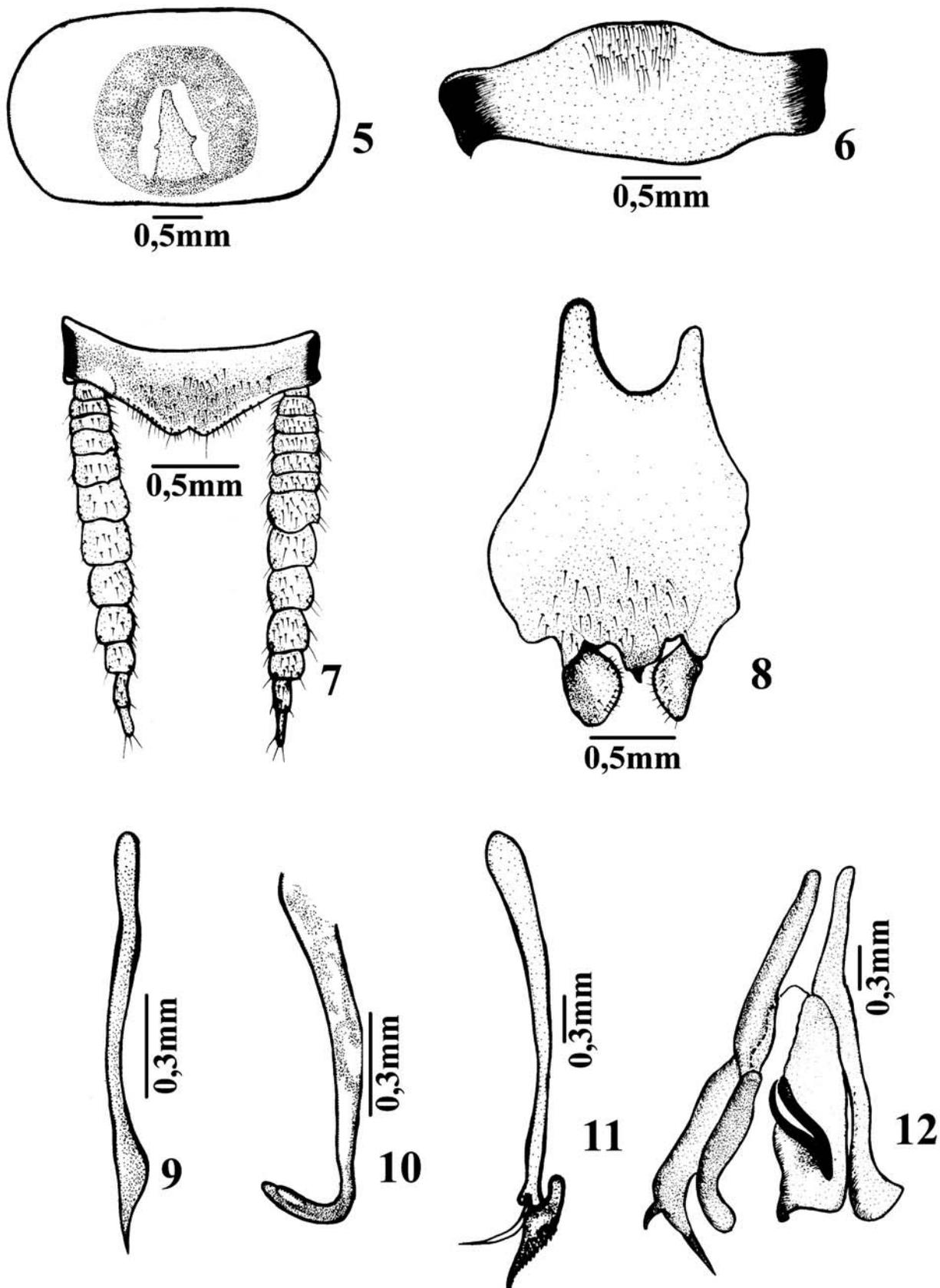
♂. Coloração geral castanho-clara brilhante. Olhos escuros, quase negros. Coloração castanho-escura em uma faixa transversal estreita no vértice da cabeça, no tronco inicial de todas as nervuras e uma pequena área do ápice da tégmina. Vértice da cabeça com uma faixa estreita quase branca, paralela à anterior; fronte com áreas mais claras. Pronoto com disco central sem manchas.

Cabeça triangular, vértice exposto; olhos posicionados látero-anteriormente; espaço interocular amplo, subigual ao espaço que separa a base das inserções antenais; antenas longas, filiformes e ciliadas; palpos maxilares ciliados bem desenvolvidos, com o terceiro artigo maior que o quarto, quinto dilatado, comprimento subigual ao quarto. Palpos labiais ciliados.

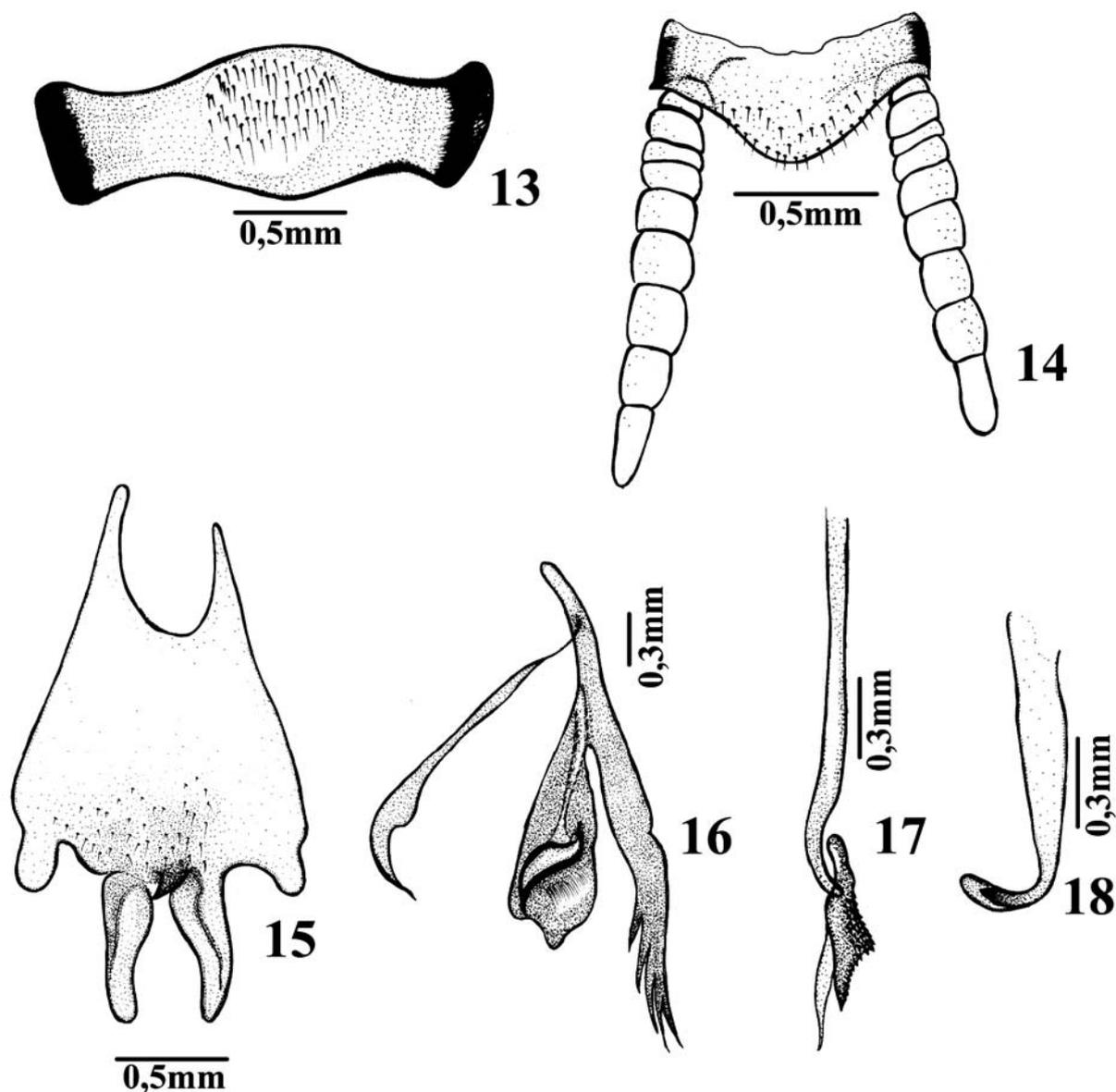
Tórax com pronoto oval, transversal, curto e alargado; abas laterais amplas, com as margens laterais arredondadas; disco central amplo e circular. Tégminas longas, ultrapassando o ápice do abdome, afiladas, estreitando para a extremidade. Pernas longas e espinhosas. Fêmur I com três ou cinco espinhos médios próximos à base, na face ântero-ventral, seguidos de uma série de diminutos espinhos até o ápice, com um apical robusto; face pósterio-ventral com espinhos médios, dispostos espaçadamente. Fêmures II e III, na face ântero-ventral, com espinhos pequenos e espaçados e, na face pósterio-ventral, espinhos pouco maiores e mais aproximados. Pulvilos pouco desenvolvidos em todos os artigos tarsais; arólios desenvolvidos, unhas assimétricas e simples.

Abdome com modificação tergal mediana no sétimo segmento, em forma circular e ciliada (fig. 13). Placa supra-anal pouco desenvolvida, ciliada, triangulóide sem reentrância mediana apical, com eixo transversal maior que o longitudinal, cercos curtos e alargados (fig. 14). Placa subgenital simétrica, alargada no ápice, com projeções látero-apicais; estilos situados medianamente no ápice da placa, lamelares, longos e afilados apicalmente, com pequena projeção esclerotizada e espiniforme entre eles (fig. 15). Falômero direito (R2) em forma de gancho, com esclerotização interna apical (fig. 18); falômero esquerdo (L1) diferenciado com estruturas esclerotizadas medianamente (fig. 16); esclerito mediano (L2vm) longo, ápice do esclerito mediano (L2d) com uma das extremidades membranosa e a outra afilada no ápice e o contorno com espinhos diminutos (fig. 17).

Medidas, em mm, ♂. Comprimento total, 8,0;



Figs. 5-12. *Chorisonaura fulgurosa* sp. nov., ♂: 5, pronoto, dorsal; 6, modificação tergal no sétimo segmento abdominal, dorsal; 7, placa supra-anal, dorsal; 8, placa subgenital, ventral; 9, esclerito do fálômero direito, dorsal; 10, fálômero direito (R2), dorsal; 11, esclerito mediano (L2vm), dorsal; 12, fálômero esquerdo (L1), dorsal.



Figs. 13-18. *Chorisonaura mimosa* sp. nov., ♂: 13, modificação tergal no sétimo segmento abdominal, dorsal; 14, placa supra-anal, dorsal; 15, placa subgenital, ventral; 16, falômero esquerdo (L1), dorsal; 17, esclerito mediano (L2vm), dorsal; 18, falômero direito (R2), dorsal.

comprimento do pronoto, 1,5; largura do pronoto, 2,5; comprimento da tégmina, 7,0; largura da tégmina, 2,0.

Material-tipo. Holótipo ♂, BRASIL, Acre: Senador Guiomard (Reserva Catuaba), 10°4'S 67°36'W, 17.VII.2002, Elder F. Morato col. (ninho n° 1921/1) (MNRJ).

Etimologia. O nome da espécie faz referência ao tamanho pequeno do exemplar.

Diagnose. *Chorisonaura mimosa* sp. nov. é similar a *C. sinop* Rocha e Silva & Aguiar, 1977, porém difere desta e das demais espécies do gênero pela configuração da região mediana da placa subgenital entre os estilos e pela formação das estruturas genitais do falômero esquerdo (L1) e esclerito mediano (L2vm).

Discussão taxonômica. As três espécies novas descritas distinguem-se entre si por caracteres morfológicos genitais. *Chorisonaura catuabana* difere

das outras duas (1) pela estrutura mediana alargada entre os estilos na placa subgenital; (2) pela placa supra-anal mais proeminente entre os cercos; (3) pelos estilos da placa subgenital simples e lamelares. *C. fulguosa* e *C. mimosa* diferem de *C. catuabana* (1) pela proeminência mediana entre os estilos, em forma de espinho; (2) *C. fulguosa* apresenta estilos arredondados e menores na placa subgenital; (3) em *C. mimosa* os estilos são mais alongados e a proeminência mediana da placa subgenital é mais evidenciada.

Agradecimentos. À Dra. Janira Martins Costa (MNRJ) pelo apoio técnico. Ao Prof. Elder Ferreira Morato, Universidade Federal do Acre, pelo material coletado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNNER, C. 1865. *Nouveau Système Des Blattaires*. Vienna, G. Braumüller. 426p.

- LOPES, S. M. & OLIVEIRA, E. H. 2000. Espécie nova de *Blaberus* Serville, 1831 do Estado de São Paulo, Brasil (Blaberidae, Blaberinae). **Boletim do Museu Nacional**, Nova Série, Zoologia, Rio de Janeiro, **415**:1-4.
- McKITTRICK, F. A. 1964. Evolutionary studies of cockroaches. **Cornell Experiment Station Memoir**, Ithaca, **389**:1-197.
- ROHART, R. M. & MENKE, A. S. 1976. **Sphecid wasps of the world: a generic revision**. Berkeley, University of Chicago Press. 695p.
- ROTH, L. M. 1998. The cockroaches genera *Chorisoneura* Brunner, *Sorineuchora* Caudell, *Chorisoneurodes* Princis and *Chorisoserrata*, gen. nov. (Blattaria: Blattellidae: Pseudophyllodromiinae). **Oriental Insects**, Gainesville, **32**:1-33.